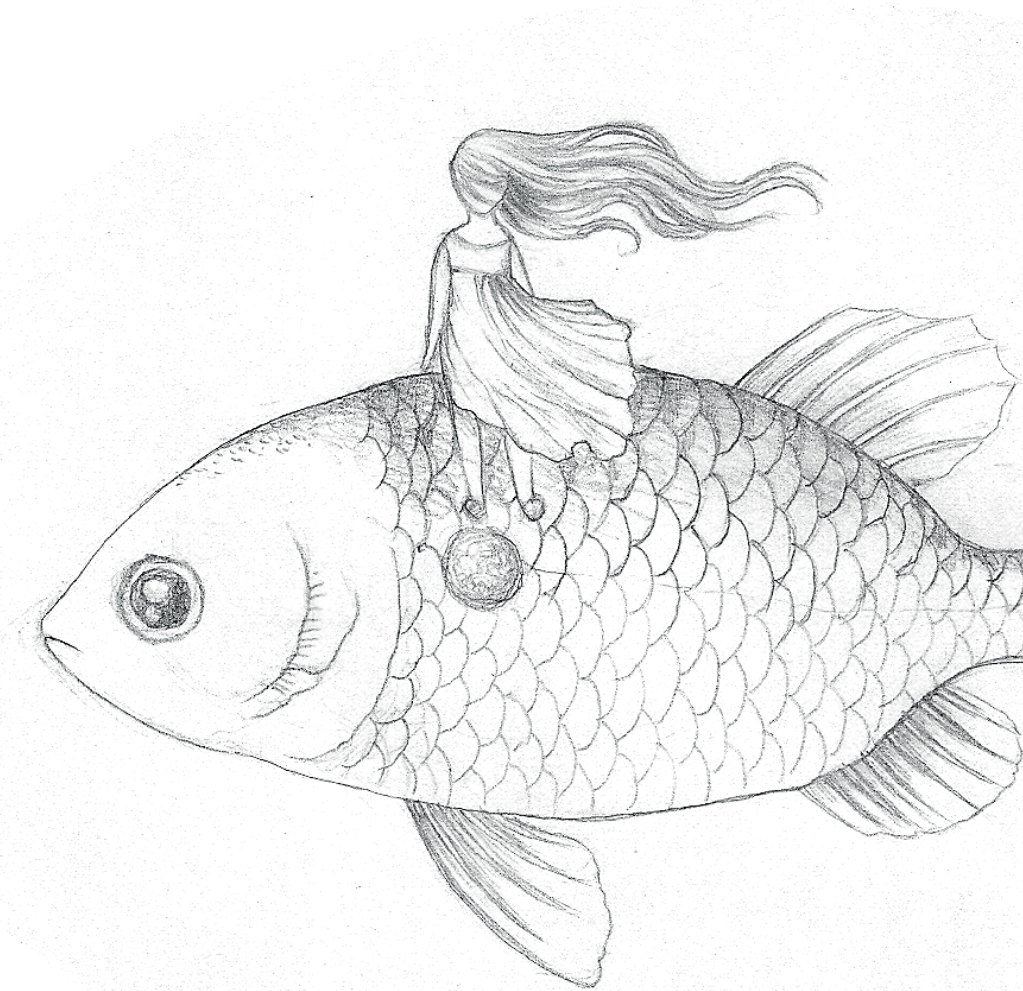
O QG feminista é uma revista digital gratuita feita com trabalho voluntário de mulheres que escrevem e traduzem textos sobre diversos temas importantes sobre a opressão feminina.

Este zine tem o intuito de mostrar alguns de nossos textos para que você venha conosco para a luta! Vamos juntas!

Acesse todos os nossos textos em:
http://medium.com/qg-feminista

Número 1 - Junho de 2018



Créditos

Autoras desta edição:
Aline Rossi
Caitlin Roper
Carol Correia
Cila Santos
Raquel Rosario Sánchez
Sapataria Radical

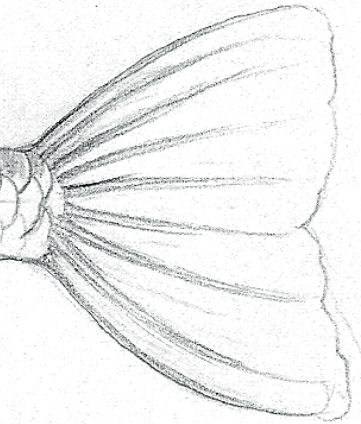
Tradutoras desta edição:
Mariana Amaral
Winnie Lo

Ilustradoras desta edição:
Capa: Juliana Bravo
Págs. 4, 5 e 8: Isadora Reimão
Demais: Melina Bassoli

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:
Melina Bassoli

Revisão Final:
Cila Santos
Mariana Amaral

Índice



Feminismo
O que é o feminismo? Pergunta fácil, resposta difícil
6

Gênero
Invisibilizar o sexo + universalizar o gênero = destruir o feminismo
11

Raça
Racismo no feminismo e a necessidade de se racializar o discurso e a prática feminista
21

Lesbianidade
Heterossexualidade compulsória, lesbofobia e resistência
26

Indústria do Sexo
Feminismo que não desafia a supremacia masculina não é feminismo
30

Maternidade
O que sua mãe tem a ver com feminismo?
33

O QUE É O FEMINISMO?

PERGUNTA FÁCIL, RESPOSTA DIFÍCIL

Por: Cila Santos

Se você chegou até aqui, certamente já sentiu algum incômodo por notar que homens e mulheres não estão em pé de igualdade em direitos e privilégios na sociedade em que vivemos. Talvez não ache justo saber que homens ganham mais do que mulheres, que são as mulheres as que são cobradas para serem responsáveis pelo trabalho doméstico, cuidado dos filhos, enquanto os homens apenas se beneficiam. Talvez se incomode ao perceber que toda mulher tem uma história de horror pra contar. Muito certamente envolvendo um homem. Uma história que fala de violência, de assédio sexual, de estupro, de exploração. E por todo esse seu incômodo, alguém chegou e te chamou de "feminista".

E então você quis descobrir do que isso se trata, de fato. Feminismo hoje é um termo que está praticamente na moda. Muito se fala dele, principalmente entre mulheres, de todas as idades, que se intitulam, ou repelem veementemente, a alcunha de "feminista". Mas será que a gente sabe mesmo do que está falando? Do que estamos tratando quando falamos de feminismo?

Vejamos. Em resumo, desde sempre, mulheres ocupam um lugar de subalternidade na sociedade. Não possuímos os mesmos direitos básicos que os homens e somos tratadas com o mesmo peso de uma mercadoria. Em muitos momentos da história, mulheres buscaram subterfúgios para reverter ou ao menos abrandar essa situação de quase escravidão.

Na história recente, por inúmeros fatores conjunturais que permitiram isso, vimos surgir movimentos organizados de mulheres em busca de direitos, que inclusive conseguiram conquistas importantes. E a esse movimento de organização de mulheres lutando por condições dignas de existência passamos a chamar de feminismo.

Essa explicação parece básica, no entanto contém pressupostos importantes:

1. mulheres estão em situação desprivilegiada na sociedade: este é o primeiro ponto, é o entendimento básico para saber se existe uma sensibilidade ou não à causa feminista: a compreensão de que a situação da mulher na sociedade não é nada boa, que não temos direitos, somos exploradas e mercantilizadas. Se alguém discorda desse pressuposto, se acha que a vida das mulheres é uma coisa ótima, e que feministas "ficam de mimimi", "reclamam de barriga cheia", ou estão vendo problemas onde não tem, realmente não tem como essa pessoa ser ou mesmo simpatizar com o feminismo, uma vez que o movimento luta justamente para combater uma situação de opressão. Então, tecnicamente, o primeiro pré-requisito para ser feminista é reconhecer a precariedade da situação da mulher na sociedade. Mas não somente, já que:

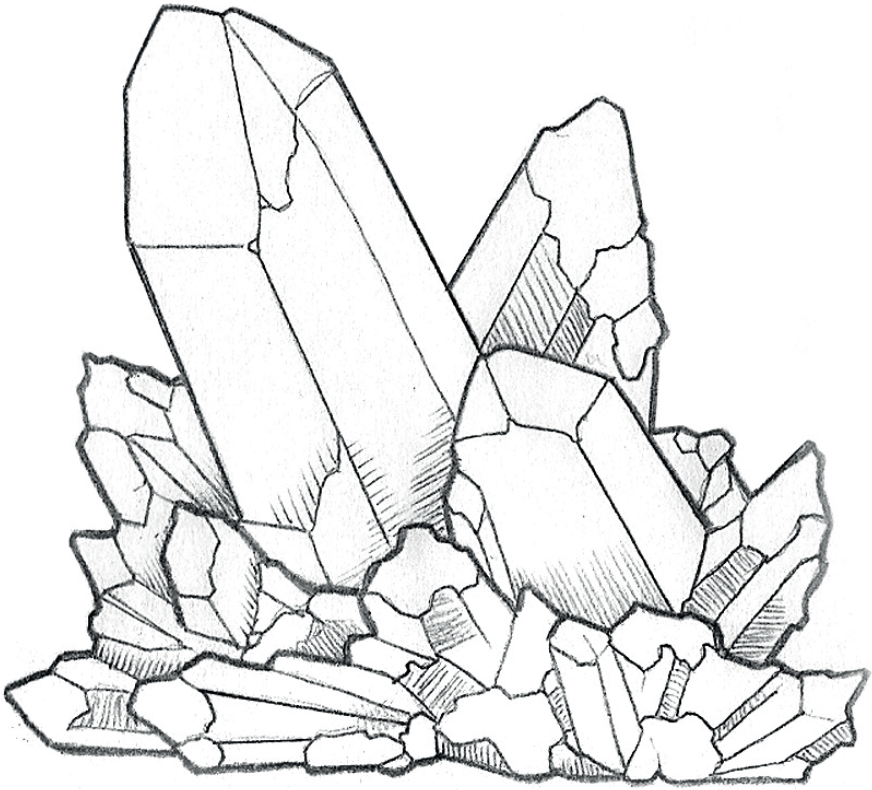
2. o feminismo é um movimento político-social, então, para além da compreensão da opressão que a mulher vive na sociedade está a prática feminista no sentido de transformar essa realidade. Muitas pessoas, por exemplo, têm perfeito entendimento dessa questão e não só não lutam contra como ainda tentam piorar a situação. Então, ações tanto micro quanto macro, tanto no ambiente público quanto no privado, tanto individuais quanto coletivas que, no cômputo geral, contribuam para a libertação das mulheres é que podem ser efetivamente chamadas de feministas. Dessa forma, não se pode considerar que o feminismo "surgiu" a partir das chamadas ondas feministas, porque mesmo antes tivemos mulheres maravilhosas e revolucionárias realizando ações que foram precursoras de muitas conquistas que tivemos ao longo do tempo. Isso também significa que, tecnicamente, nenhuma mulher necessariamente precisa pertencer a um movimento organizado para se dizer feminista. O importante é que ela tenha consciência da sua opressão e tome ações ali no seu microcosmo para contribuir na nossa jornada por libertação.

E que "ações" seriam essas?

Pois é, em tese essas ações seriam quaisquer que fossem no sentido de contribuir para a causa feminista (libertar as mulheres).

No entanto, existe mesmo uma grande confusão sobre que práticas seriam essas, na verdade não existe nem um consenso sobre a ideia de "libertação" das mulheres. Em se tratando de feminismo, todo mundo concorda com o problema e com o objetivo, mas a metodologia para resolver é que dá uma confusão danada.

Em primeiro lugar, precisamos entender um pouco que o fenômeno da exclusão das mulheres é uma coisa muito antiga que há muito pouco tempo começou a ser estudada. Mulheres durante muito tempo estiveram excluídas dos bancos da universidade, na verdade há relativamente pouco tempo que conseguiram conquistar o direito de alfabetizar-se e estudar. São homens que ocupam as cadeiras de pesquisadores. E realmente eles não estão nem um pouco interessados em estudar e registrar a história do massacre que eles mesmos executam contra a outra metade da população. Então somente agora que começamos a produzir e difundir as



teorias e as ideias sobre a nossa própria exploração. Só agora que começamos a conseguir pensar nossa própria realidade e produzir um conhecimento sistematizado sobre isso. E aí, dentro desse conjunto epistemológico, você encontra diversas ramificações e teorias que buscam problematizar a origem da nossa opressão, quais os mecanismos de manutenção e como lidar com isso. E é aí que você escuta falar em várias "vertentes" feministas. Que nada mais são que correntes de pensamento teórico que buscam explicar a questão da mulher na sociedade.

E aí você pode se perguntar: mas eu preciso "seguir" uma vertente para ser feminista? E a resposta é ótima, veja: sim e não. Não, porque, em tese, realmente você não precisa saber tudo o que fala uma determinada vertente para prosseguir com a prática feminista, e sim, porque inevitavelmente dependendo do conjunto de coisas em que você acredita sobre a questão da mulher, você se encaixa mais em uma vertente do que em outra (mesmo sem saber), e suas práticas já estarão consoantes ao que você acredita.

Quer um exemplo? Se você acredita que o objetivo do feminismo é que mulheres sejam iguais ao homens, ou que mulheres devem ter direito a "escolher" fazer o que quiserem, seu pensamento está alinhado a ideias do feminismo liberal. Se você acredita que a questão é que mulheres se libertem da opressão masculina, e que na verdade não há muita escolha porque os homens é que definem os pré-requisitos, seu pensamento está mais alinhado a correntes materialistas. E por aí vai. Só esta primeira cisão (sim, tem várias outras) que eu apresentei já causa uma tremenda diferença na maneira como você vai se posicionar politicamente e nas tuas ações dentro do feminismo (e é por isso que muita gente fala em "feminismos"). E aí você pode até pensar, "ah, mas não tem problema, todo mundo quer o mesmo". E seria lindo se assim fosse, só que muitas das ideias sobre a melhor maneira de buscar o bem-estar das mulheres não só se contrariam como mutuamente se excluem ou se atrapalham.

Exemplo: se você segue (mesmo sem saber muito bem) a corrente liberal do feminismo, certamente vai achar que maquiagem, depilação etc. são coisas que podem ser empoderadoras. Que as mulheres têm que ter o direi-

to de mostrar o corpo onde quiserem, e do jeito que quiserem, e que a Marcha das Vadias é uma coisa bem legal. Que mulheres têm o direito de se prostituir se assim escolherem. Se você acredita numa visão mais materialista, vai entender que tudo o que remete à feminilidade serve pra manter a mulher num estado de submissão e objetificação e que mostrar o corpo, hoje, numa Marcha das Vadias da vida, ainda não é uma opção realmente revolucionária, pois somos vistas como objeto e ninguém leva a sério nossas reivindicações. Vai acreditar que a prostituição é o maior dos crimes contra a mulher, porque não podemos aceitar que o corpo feminino seja tratado como mercadoria e porque consentimento não se compra. São maneiras completamente diferentes de lidar com a mesma questão e maneiras que se autoexcluem. Um método de ação atrapalha o outro. E é por isso que as vertentes feministas "brigam".

"O entendimento da nossa condição real é muito dolorido, mas é a única opção possível para tentarmos fazer frente ao patriarcado e buscar construir um mundo melhor para as meninas que virão."

E como saber qual corrente que você julga mais coerente? Lendo, estudando, se informando, observando, conversando com outras feministas. E estudando muito mesmo, dentro do possível.

O entendimento da nossa condição real é uma coisa muito dura. Muito dolorida mesmo. É também um caminho sem volta. Perceber o que a sociedade faz com as mulheres, entender o que é o patriarcado, se dar conta do que representamos nesta estrutura, é profundamente desalentador e pode acabar mesmo com nossa saúde mental. É uma porta que uma vez aberta, não fecha. Mas ao mesmo tempo, abrir essa caixa de Pandora é a única opção possível para tentarmos fazer frente e buscar construir um mundo melhor para as meninas que virão. Temos muitos obstáculos e o principal deles é a nossa própria socialização, que nos condiciona a nos manter submissas, a disputar umas com as outras. São muitos *fronts* de batalha. E feminismo é luta.

INVISIBILIZAR O SEXO + UNIVERSALIZAR O GÊNERO = DESTRUIR O FEMINISMO

A LINGUAGEM DO GÊNERO É UMA MANEIRA DESPOLITIZADA DE FALAR SOBRE FEMINISMO. DIZEMOS "PERSPECTIVA DE GÊNERO" QUANDO NA REALIDADE O QUE QUEREMOS DIZER É PERSPECTIVA FEMINISTA

Por: Raquel Rosario Sánchez (para o Tribuna Feminista)
Tradução: Winnie Lo

Camaradas, eis aqui uma opinião controversa: eu não aguento a palavra gênero. Chegou a um ponto em que até me incomoda foneticamente essa palavrinha… A ironia da situação é intensa já que durante a minha graduação fiz uma disciplina em Gênero, tenho uma pós-graduação em Gênero e acabo de começar um doutorado em Gênero… As pessoas sempre vão dizer que sou "uma especialista em gênero", ainda que me cause um eterno incômodo interno. Esse esclarecimento é importante para mostrar que o problema não é a falta de conhecimento: é que quanto mais aprendo sobre gênero, mais me perturba a sua universalização.

Ora, a linguagem do gênero é uma maneira despolitizada de falar sobre o feminismo. Dizemos "perspectiva de gênero" quando na realidade o que queremos dizer é perspectiva feminista. Falamos muito sobre "violência de gênero" quando na realidade o que queremos é dizer aos homens, como classe social, que parem imediatamente de violentar e assassinar mulheres e meninas. Na academia, os Estudos da Mulher tiveram espaço aproximadamente durante três minutos e meio antes que o status quo tivesse uma taquicardia coletiva e transformasse tudo em "Estudos de Gênero". Estudar as mulheres, através da história, como entes independentes e por direito próprio, saiu de moda.

A desculpa é que também é preciso trabalhar as masculinidades e as diversidades sexuais. Como sempre, as mulheres temos que carregar a responsabilidade histórica de desconstruir a nós mesmas e ainda por cima fazer o trabalho de desconstruir os outros também. Isso de estudar masculinidades e diversidades sexuais está tudo bem e apoio 100%, mas por que não abrir departamentos que tenham foco específico nesses interesses e visões, assim como fizeram as mulheres ao fundar os Estudos da Mulher para se concentrar nos seus? Mas não. As mulheres que cedam o minúsculo espaço que cavaram para se concentrar em si mesmas e que abram caminho a todo mundo, que não se pode ser egoísta. Isso é inclusão… ou será que no afã de ser inclusivas aos demais estamos nos excluindo a nós mesmas?

Recordo algo que me marcou profundamente. Quando eu estava fazendo o mestrado em Estudos da Mulher, Gênero e Sexualidade, como departamento tivemos um incidente muito feio. Um grupinho de estudantes começou a difamar professoras (em particular as que tinham uma ideologia feminista radical) nessas comunidades de internet de que os jovens gostam muito. Como éramos um departamento bastante hippie e tudo resolvíamos sob uma visão de liderança horizontal (ou tentávamos), o professorado convocou uma reunião dentro da universidade, no Centro da Mulher, para que tirássemos a conversa da internet e dialogássemos frente a frente com franqueza e honestidade.

Esse Centro da Mulher é histórico; tem décadas e faz um trabalho enorme para visibilizar as mulheres; sejam estudantes, funcionárias, professoras ou pesquisadoras. Bem, quase todo o departamento participou da reunião, inclusive aquele grupinho de estudantes (eram uns cinco) que se identificava muito com a teoria *queer*, que sustentavam que o simples fato de que o Centro se chamasse Centro da Mulher era "violentamente excludente" para outras pessoas. Descrito dessa maneira, alguém podia imaginar que no Centro se cometiam genocídios todas as terças e quintas-feiras, das 9h às 14h. Aproveito a ocasião para deixar por escrito que isso de rotular as ideias com as quais se discorda como "violência" trivializa um tema bastante sério e me incomoda.

Pois sim, não foi só o Centro. Fizeram o mesmo com o programa; a queixa nesse sentido vinha porque no nosso nome colocávamos "Mulher" na frente (uma decisão deliberada por parte do professorado). Isso também atentava contra a diversidade e a inclusão.

A diretora do programa foi vilipendiada. Isso me doeu na alma e não só porque ela era minha orientadora. Mas porque estamos falando de uma mulher que lutou mais de 30 anos dentro da academia, para expandir os Estudos da Mulher, desde uma disciplina que podia ser feita por estudantes dentro dos cursos de graduação, para ser em seguida uma graduação por si só, passando posteriormente a ser um mestrado e recentemente um doutorado. No trajeto, o programa se ampliou para que incluísse Gênero e Sexualidade como parte do currículo de base e se trabalha o enfoque transnacional, os estudos étnicos e a teoria *queer* de maneira transversal em todas e cada uma das aulas. Mas isso não era suficiente; segundo aqueles estudantes que reclamavam no Centro, ainda estava se centrando demais na mulher.

Entre as suas difamações, acusaram a diretora do programa, uma mulher que se criou nas décadas de 1960 e 70 no sudeste evangélico ultraconservador dos Estados Unidos como uma lésbica abertamente *super butch* e além disso pobre, de ser A Grande Opressora Patriarcal porque, segundo esses estudantes, apesar de ser marginalizada em todos esses sentidos, a senhora é branca: um indicador de que lhe faltavam alguns atributos para ganhar a olimpíada das opressões.

"Gênero é o mecanismo através do qual se legitima a subordinação das mulheres"

O incidente foi muito desagradável, mas a algumas de nós chamou muito a atenção que esses estudantes nunca tivessem se apresentado aos departamentos de Física ou Direito ou Aeronáutica para fazer essa birra. Óbvio que não, esses departamentos estão cheios de homens! É melhor acusar as mulheres de opressoras e difamar como "excludente, não inclusivo nem diverso" o único espaço no campus universitário onde se priorizam as mulheres…

ao contrário de todos os demais departamentos na universidade, onde a supremacia dos homens é isso: suprema.

Também assistiram à reunião no Centro da Mulher o professorado de outras áreas colegas como Estudos Étnicos, Sociologia, Literatura e Justiça Social, para ver se podiam mediar o assunto. Mas não entendiam nem por que as tensões haviam aquecido tanto nem por que um debate (tecnicamente sobre diferenças ideológicas) simples tinha que ser tão, mas tão ácido. Todos os ramos do saber debatem, e muitas vezes com dureza. Além disso, se algo caracteriza o feminismo, como explica Jessica Filliol, "é o debate interno, o questionar tudo o que aprendemos, o assumir que não temos pilares irremovíveis mas sim princípios inegociáveis".

"Gênero é um conjunto de esteriótipos que servem para perpetuar padrões de opressão e dominação"

Mas não. A demanda é clara: invisibilizar as mulheres, apresentando-as simplesmente como opressoras e universalizar o gênero, a qualquer custo.

O mais provável é que, se as mulheres não se derem conta do que está acontecendo e reagirem, com o tempo o Centro deixe de ser um Centro da Mulher. Por certo colocarão algum nome esquisitíssimo como "Terceiro Espaço", como aconteceu com aquele Centro da Mulher no Canadá, supostamente "para torná-lo mais inclusivo". E pouco a pouco, o programa estará descentralizando e apagando mulheres. Essa é a história e sempre foi assim. O que dói é vê-la em tempo real.

Eu aprendi muito com esse momento. E também aprendi muito com a resposta do nosso departamento: acomodar aqueles cinco estudantes, em vez de ficar de pé e rebater claramente todos os argumentos com determinação e contundência. Mas é que isso é impossível, porque nós fomos socializadas como mulheres. E a nossa socialização indica que devemos abrir mão de todos os argumentos, inclusive os mais lógicos, para acomodar os outros, por mais ilógicas que sejam as suas abordagens. Além do que, expressar abertamente que nós queremos, ou pior ainda, que o movimento feminista exige, por definição, focar na humanidade e

nas experiências das mulheres, representaria um ato bastante egoísta… e antes mortas que egoístas!

Como diz a companheira Magdalena Proust: "Cada vez que uma mulher mostra firmeza em seus argumentos e segurança em si mesma, é acusada de excessiva veemência, de arrogância e de atacar os demais. Nós sempre temos que debater fragilmente, sem perturbar". É exatamente o mesmo com o movimento. Sim, somos um movimento que busca libertar as mulheres da subordinação patriarcal, mas como vamos caminhar na rua dizendo isso abertamente? Assustaríamos a nós mesmas! É melhor sorrir muito e falar daquela onipresente "igualdade de gênero"… um conceito que é melhor ser pronunciado rápido e sem pensar, porque se analisarmos muito nos daríamos conta de que, na realidade, a igualdade de gênero é mais ou menos uma abominação, porque o gênero é um conjunto de estereótipos que servem para perpetuar padrões de opressão e dominação. Por que a classe dominante iria querer ser igual à classe subjugada e por que a classe subordinada iria querer fazer o papel da classe opressora? Por que eu iria querer atribuir a uma menina os estereótipos que o gênero impõe aos meninos e a um menino os constrangimentos que o gênero coloca para as meninas? Eu defenderia a abolição do gênero da cabeça aos pés.

Como explica a escritora Victoria Smith, o gênero é a ideologia que promove a conformidade. O gênero é o que dita que as mulheres, por serem mulheres, devem ser submissas, ternas, frágeis e ruins de matemática. O gênero é o que dita que os homens devem ser agressivos, bruscos, autoritários e que nunca, mas nunca, podem chorar. Dizer que a estratégia do feminismo é promover a igualdade de gênero é dizer que queremos que os estereótipos

"Explicar à mulher que se encontra de cócoras numa cabana, dividindo-se em duas para parir, que esta experiência é simplesmente uma construção não só te faz soar imprudente, mas também cruel"

que o gênero atribui aos homens sejam impostos às mulheres e vice-versa. Tenho a certeza de que, como movimento, podemos aspirar a muito mais que isso.

Para algumas companheiras, universalizar o gênero é uma estratégia que busca apelar a pessoas que ainda pensam que falar abertamente sobre feminismo, como movimento político, é… estridente demais. Essa gente que pensa que mencionar a palavra misoginia ou sexismo vai fazer cair um testículo e, pior ainda, que se mencionar ambas no mesmo artigo ou frase, cairão os dois. Essas pessoas são os homens e às vezes somos nós mulheres que ajustamos tudo para, consciente ou subconscientemente, seguir agradando nossos amigos homens. Meu respeito às companheiras que entendem essa estratégia como necessária, mas não compartilho a sua posição. E creio que essa posição causa um dano terrível ao movimento.

Nesses momentos é extremamente difícil formular esse tipo de análise porque muita gente botou na cabeça (ou botaram na cabeça delas?) que sexo e gênero são literalmente o mesmo e que inclusive se fossem diferentes, de que importa, se no final tudo na vida é "uma construção social"? Aqui você tem que respirar fundo, se encher de paciência e não se deixar exasperar pelos argumentos tão casualmente inclementes desse niilismo tão *chic*, o pós-modernismo.

Não vamos combater o pós-modernismo jogando o computador pela janela nem queimando os livros cheios dessa prosa tão desconexa e relativista de Butler e Foucault, não. Vamos combatê-lo com raciocínio lógico e argumentos ponderados: os alérgenos de todo obscurantismo.

Vamos ver… Argumentar que o sexo biológico é "uma construção social" não só significa desconhecer como funciona toda a engrenagem patriarcal, mas também representa um tremendo tapa na cara das mulheres e meninas que morrem todos os dias por causa de opressões baseadas no sexo. Como explica a sindicalista Natasha Vargas-Cooper: "Explicar à mulher que se encontra de cócoras numa cabana, dividindo-se em duas para parir, uma função das fêmeas e perigosamente das fêmeas, que esta experiência é simplesmente uma construção não só te faz soar imprudente, mas também cruel".

Algumas mulheres são

OS SILENCIAMENTOS

suficientemente sortudas para levar vidas em que ser mulher não trouxe aborrecimento, que bom. Parabéns para vocês. Mas que você nunca se veja na necessidade de ter um aborto clandestino para salvar sua vida, que nunca tenha uma gravidez forçada, que nunca uma histerectomia desnecessária, que não lhe neguem trabalho pelo simples fato de que o potencial empregador acredita que no futuro você poderia engravidar e decida "de maneira preventiva" não a contratar para não ter que pagar licença maternidade, que nunca a tenham obrigado a dormir numa cabana, congelando e

exposta a todo tipo de animais, porque seu útero está menstruando… tudo isso é um tremendo privilégio e feminismo que defende exclusivamente as privilegiadas não é feminismo. Há ainda mais postulados, porque as maneiras pelas quais o sexo biológico é utilizado como fator de opressão num sistema patriarcal são infinitas e, como feministas, é nossa responsabilidade… não, perdão, é nossa obrigação inadiável sempre lembrar disso.

Isso significa que como feministas só podemos apoiar as mulheres e meninas que se veem oprimidas com base nas suas funções reprodutivas? Não, porque o sexo biológico é mais do que reprodução.

O sexo biológico determina quem pertence à classe dominante ou subordinada independentemente de a pessoa se reproduzir ou não. De fato, em muitos países e contextos, a pessoa sequer precisa nascer para que isso se determine. Pense nos feticídios: no mundo atualmente são abortados milhões de fetos simplesmente pelo fato de que seu ultrassom revelou que seriam meninas. Toda a engrenagem de gênero que diz que uma mulher representa um peso para sua família, que não será tão "produtiva" para o capitalismo que um homem… tudo isso se impõe a um feto (uma feto?) com base numa imagem minúscula, um ultrassom que talvez caiba na palma da mão, na qual se pode distinguir um fator crucial: que possui vulva e não pênis.

Mas o sexo biológico é muito mais que isso. A medicina foi concebida, desde a sua inserção no sistema capitalista, para tratar a mulher como um derivado do homem. Os medicamentos são, em sua grande maioria, testados nos corpos dos homens. Portanto, a ciência ainda supõe que os sintomas do homem são universais. Todas e cada uma das mulheres que morreu por causa de doenças que não puderam ser identificadas a tempo, porque não apresentavam os sintomas observados no corpo dos homens, foram executadas com base no seu sexo biológico. E sim, a palavra que quero utilizar como escritora

"Um movimento emancipatório não pode ser sustentável se não entendemos por que lutamos nem contra o que lutamos."

é executadas.

Inclusive depois de mortas, o sexo da mulher cobra a sua fatura. Alguns estudos demonstraram que, na hora de investigar as mortes por causas não naturais, os cadáveres dos homens recebem mais importância do que os das mulheres. Dizem por aí que a morte é "o grande equalizador" dos seres humanos, mas acontece que não. Até na morte, o sexo discrimina.

Explica o pesquisador Maxwell McLean, que analisou os processos de investigação das causas de mortes não naturais relatadas na Inglaterra durante um período de dez anos, "as mortes dos homens e das mulheres recebem um tratamento diferenciado durante o processo de investigação em patologia forense. Menos mulheres atravessam o limiar de ser encaminhadas para a patologia, de que se abra uma investigação ou que se confirme uma morte não natural. Quando conseguem atravessar o limiar dos casos investigados, a lista de vereditos existentes também é injusta com as mulheres. Até o momento, o pessoal que trabalha na patologia forense é vulnerável à acusação de que as mortes dos homens são consideradas mais importantes que as das mulheres".

Ou seja, os resultados dessa pesquisa argumentam que se um homem e uma mulher morrem por causas suspeitas ou acidentais (não naturais), é mais provável que se abra uma investigação para determinar a morte do homem do que da mulher. O problema não é apenas que menos pessoas decidem abrir uma investigação quando sua parente mulher morre por causas não naturais. É que até quando as e os parentes têm dúvidas e querem abrir uma investigação sobre a causa da morte da mulher, a patologia (profissão dominada por homens durante os 800 anos da sua existência) demonstra uma tendência a declarar a morte como "morte natural" se o cadáver é de uma mulher.

Vamos parar para pensar, que aqui o assunto é esclarecido. Um cadáver não pode desempenhar nenhum papel nem estereótipo de feminilidade ou masculinidade. Ou seja, um cadáver não tem gênero. É apenas um corpo sexuado morto, e esse corpo sexuado está aberto a ser discriminado por causa do que apresenta como corpo, não por causa do que as ideias de gênero pudessem representar quando tinha vida.

Se nossos argumentos são tão contundentes, por que será que suas antíteses estão calando tanto? Eu não vou responder. Vocês que se perguntem quem ou o que se beneficia de misturar e confundir todo esse assunto.

Já encontrou a resposta?

Um movimento emancipatório não pode ser sustentável se não entendemos por que lutamos nem contra o que lutamos. Não desmantelaremos o patriarcado se não entendemos como surge, com que propósito e como se perpetua, e o cerne da questão atual é, precisamente, essa distinção entre sexo e gênero.

Invisibilizar o sexo e universalizar o gênero pode parecer questão meramente semântica, mas é instrumental para manter o feminismo andando em círculos e para que as mulheres e meninas nunca alcancemos a nossa libertação. Esse é um pronunciamento bastante contundente, então me deixem repetir: este emaranhamento que confunde sexo com gênero não é coincidência. É uma confusão fomentada intencionalmente para que mulheres e meninas não alcancem a libertação do jugo patriarcal jamais. Enquanto nos preocupamos que, ao tomar como centro as nossas vidas e interesses, estamos sendo egoístas, estridentes e antipáticas, o patriarcado aproveita essas inseguranças para nos despejar do nosso próprio movimento.

O fato de que o gênero, o mecanismo através do qual se legitima a subordinação das mulheres e crianças, seja reinterpretado no melhor dos casos como neutro, e no pior como algo libertador, representa um retumbante sucesso patriarcal e um indicador da gravidade do problema no qual as feministas interessadas na emancipação coletiva de mulheres e meninas nos encontramos.

Vai levar muito tempo para que mais e mais gente compreenda essas dinâmicas, já que a engrenagem é profunda, multifacetada e deliberada. Mas que leve muito tempo não quer dizer que haja tempo para perder. Desvendar esse enredo é o trabalho de todas, ninguém se salva. Companheira, se você se preocupa com esse movimento, o momento de reflexões intensas dentro da sua cabeça acabou. Reflita, sim. Mas comece hoje a ponderar com outras companheiras e com os aliados também, garanto que elas e eles também têm refletido.

É hora de formular todas as perguntas difíceis em voz alta.

RACISMO NO FEMINISMO E A NECESSIDADE DE SE RACIALIZAR O DISCURSO E A PRÁTICA FEMINISTA

Por: Carol Correia

Introdução

O primeiro passo para combater o racismo é reconhecer que ele existe; nomeando-o em todos os espaços. O segundo é procurar formas para enfrentar cada aspecto do racismo que molda nossa sociedade e nossa existência. E o terceiro é pôr essas formas em prática a fim de vencê-lo.

Tal questão é necessária de ser abordada a fim de cumprir verdadeiramente o objetivo do feminismo. Afinal, se o feminismo visa a libertação de todas as mulheres, então precisa discutir as outras opressões que moldam nossa existência. Feminismo que só discute gênero e ignora ou minimiza questões como raça, classe, sexualidade, entre outras, foca no grupo privilegiado das mulheres: brancas e endinheiradas (de classe social média ou alta). Feminismo que apenas discute gênero centra a discussão da mulheridade na mulher branca e, consequentemente, exclui categoricamente as questões que atingem mulheres indígenas, negras e asiáticas; excluindo todas as mulheres racializadas e empobrecidas.

Surge dessa marginalização no próprio movimento das mulheres a necessidade de racializar todo o feminismo. Sem "recorte" racial, mas integrando raça nas análises feministas. Afinal, as pessoas não são apenas mulheres, homens, brancas, negras, indígenas, asiáticas — somos várias coisas ao mesmo tempo e isso influi na forma que o resto do mundo nos percebe e nos trata, assim como a forma que você se percebe.

O presente texto tem por objetivo nomear o racismo dentro do feminismo, observando tanto o discurso teórico quanto as práticas feministas e de indivíduos feministas.

Nomeando o problema: racismo no feminismo

O primeiro passo para o combate ao racismo é reconhecer que ele existe — afinal, não é possível lutar contra algo que você não sabe o que é. E esse reconhecimento do racismo nos discursos e práticas feministas é feito através da nomeação, isto é, do apontamento de comportamentos e lógicas racistas.

É perceptível que há duas formas do racismo florescer: através de ações e de omissões.

Vejamos.

1. Através das omissões: ou seja, ao não discutir raça, o racismo floresce.

A omissão é perceptível na maior parte da teoria feminista quando apresenta a mulheridade branca como uma experiência universal; olvidando-se que mulheres não são um grupo homogêneo e que raça é um grande fator para a construção da identidade das mulheres.

Assim como é um grande fator para como mulheres racializadas experienciam o mundo, isto é, como a sociedade percebe mulheres negras, indígenas e asiáticas, como as trata e como elas mesmas se percebem e se tratam.

A teoria feminista não foi criada em um vácuo descontextualizado, ela foi resultado de seu meio — um espaço em que as divisões entre as mulheres já estavam estabelecidas socialmente, de forma que havia mulheres que detinham um status de opressora sob outras mulheres.

A omissão de boa parte da literatura feminista de incluir raça em sua análise implica que mulheres brancas se vejam como pertencentes a uma raça neutra e, ao não discutir raça como fator de ampliação da violência contra mulheres, incluam-se mulheres racializadas em dados e campanhas para a conscientização sobre misoginia, mas as ignora na condução de políticas públicas.

A dificuldade do feminismo em falar na conjunção raça e sexo implica na dificuldade em pautar questões específicas a mulheres negras, indígenas e asiáticas. Marginaliza-as. E nessa marginalização molda a seletividade de quem é ouvido e de quem é ignorado dentro do movimento — que denúncias são importantes e quais não são; que pautas devem ser priorizadas e quais não devem.

2. Através das ações (e distorções): ou seja, através de comportamentos racistas que são tolerados e, muitas vezes, difundidos.

Feministas são (ou deveriam ser) mulheres minimamente politizadas, mas quando o assunto é raça e racismo algumas mulheres brancas se recusam a aceitar que detém privilégios e são opressoras.

E como feministas são minimamente politizadas, significa que elas não serão racistas de forma tão explícita como chamar alguma negra de macaca ou mandá-la voltar para a África; significa que o comportamento racista terá um discurso que aparenta ser progressista.

E é dessa forma que muitas feministas brancas perpetuam o racismo, porque elas sabem que o racismo as beneficia de diversos modos.

Analisemos.

Qual é a desculpa para que não se debata racismo dentro de espaços feministas? "Falar sobre raça divide o movimento".

O que, todos sabemos, é uma mentira. As diferenças entre mulheres já existiam antes do feminismo ser pensado. Ou seja, as mulheres já estavam divididas socialmente.

A dificuldade de pautar racismo é que falar sobre raça não beneficia o grupo mais privilegiado das mulheres (mulheres brancas); logo não é uma pauta que elas desejam adotar.

A dificuldade de pautar racismo no feminismo está no fato de que algumas mulheres brancas desejam estar em par de igualdade com homens brancos e não focadas na libertação completa de todas as mulheres.

Em Feminismo é para todos, bell hooks fala que "todas as mulheres brancas nesta nação sabem que a branquitude é uma categoria privilegiada. O fato de as mulheres brancas escolherem reprimir ou negar esse conhecimento não significa que elas são ignorantes; significa que estão em negação".

Outro comportamento racista por parte de algumas feministas brancas está nas duas medidas e dois pesos em relação à tolerância zero à misoginia e a alta tolerância ao racismo.

Observem que qualquer caso de misoginia de um homem é levado a sério, especialmente quando é cometico contra uma mulher branca. Mas casos de

racismo de uma mulher branca cometido contra uma mulher racializada são diminuídos como "apenas raça", "estamos todos aprendendo a desconstruir racismo", "ela foi socializada para pensar e fazer isso".

O mais interessante é que tais justificativas (se é que justificam alguma coisa) não seriam aceitáveis se fossem perante situações de misoginia vinda de homens. Ou "é apenas gênero", "estamos todos aprendendo a desconstruir misoginia", "ele foi socializado para pensar e fazer isso" é compreensível para você?

A cumplicidade de feministas brancas perante mulheres racistas é, infelizmente, gigantesca. E o que se tornou bastante comum é a desvirtuação de termos para blindar o comportamento racista delas, enquanto vistas como pobres vítimas.

O termo interseccionalidade, que implica em uma análise em que duas ou mais opressões são analisadas juntas, se tornou uma forma de feministas brancas se apresentarem como "boazinhas".

"Racializar o feminismo é fundamental para que a libertação de todas as mulheres seja algo atingível."

O termo rivalidade feminina, que explica a desunião feminina e a contínua competitividade entre mulheres, acaba sendo a razão para que feministas racistas sejam blindadas de denúncias de racismo de mulheres negras, indígenas, asiáticas e algumas brancas. Isto é, não estão reclamando sobre um comportamento racista seu; é tudo recalque — resultado da rivalidade feminina a qual todas nós estamos submetidas.

Um tema como padrão de beleza, que fala sobre como mulheres são empurradas para um ideal de beleza quase impossível de magreza e branquitude, que leva várias mulheres a terem problemas de autoimagem, autoestima, transtornos alimentares, além da gordofobia, é muitas vezes reduzido a banalidades como "sou bonita ou sou apenas branca?", desvirtuando o tema por completo ao egocentrismo de algumas feministas brancas.

E talvez o único momento em que haja interesse real em pautar racismo seja: na tentativa

de defender sua vertente feminista ou sua militância de ser racista.

A necessidade de racializar o discurso e a prática feminista

Fica evidente que o feminismo tem uma história inegável de comportamentos e teorias racistas sendo perpetuadas e validadas. É inegável que a construção da teoria e da prática feminista foi influenciada pelo racismo que algumas feministas brancas cometiam. De modo que as mulheres negras, indígenas e asiáticas ou não são mencionadas em nenhum momento ou, se o são, são reduzidas a estereótipos racistas.

A fim de que seja combatido o racismo dentro do feminismo é necessário racializar o discurso e a prática feminista.

O que significa racializar o feminismo? Pôr raça na análise em mesmo nível de importância que sexo; não como "recorte", mas junto de.

A ideia de "recorte" racial coloca raça como questão secundária a sexo. E é um problema. Raça tem tanta ou talvez até mais influência na forma como nossa sociedade é hierarquizada que sexo. E é urgente reconhecer isso.

Logo, racializar o feminismo é fundamental para que a libertação de todas as mulheres seja algo atingível.

E como disse Claire do Sister Outrider: "É tempo de aposentar a ideia de que mulheres brancas não podem ser cúmplices ou se beneficiar de racismo pela razão de que elas experimentam misoginia."

HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA, LESBOFOBIA E RESISTÊNCIA

Por: Sapataria Radical

É importante que o movimento feminista não reduza o conceito de heterossexualidade compulsória enquanto igualmente nociva a todas as pessoas. Quando falamos de heterossexualidade compulsória, não estamos falando de uma suposta opressão genérica que visaria forçar todas as pessoas à heterossexualidade por um motivo *moral*. A **heterossexualidade compulsória é um regime político que visa manter o acesso de homens aos corpos e capacidades laborais e reprodutivas de mulheres, através do conceito ferrenho de núcleo familiar, da monogamia, da dicotomia entre espaços públicos e privados, e de uma naturalização da mulher enquanto categoria reprodutiva resumida à sua especificidade biológica e portanto inferior, complementar, existente apenas em oposição ao masculino, saída da costela.**

Enquanto homens são educados para a dominação, para a primazia no núcleo familiar patriarcal, a mulher é forçada à submissão, tanto fisicamente (ainda existem países em que o casamento é estipulado pelos pais da mulher, ela é transferida enquanto propriedade do pai ao marido e nunca será entendida enquanto ser possuidor de autonomia) quanto culturalmente — em uma série de políticas familiares e educativas que incutem à mente das mulheres que sua existência é definida pela atratividade que exerce aos homens e só será completada quando ela for devidamente penetrada e engravidada por um (o que só é possível mediante um suposto *merecimento*). A penetração também é compulsória: é dada como única forma de sexo, heterossexual ou não, e colocada como prazerosa quando, na verdade, é perigosa e dolorosa para a maioria das mulheres.

Aos homens gays foi ensinada a virilidade e a dominação e eles a exercem, mesmo rejeitando o papel de patriarca — eles exploram empregadas domésticas e suas mães, avós e tias, e não deixam de levantar a voz para uma mulher quando confrontados, não deixam de ser possuidores de salários maiores, poder aquisitivo e político maiores. Às mulheres é forçado um entendimento da própria existência regado a submissão e insegurança desde os primórdios, o primeiro sapatinho rosa colado à barriga da mãe — e qualquer manifestação de autonomia é reprimida (estudo, trabalho, escolha quanto à maternidade, etc). **A heterossexualidade compulsória não oprime homens e mulheres. Às mulheres lésbicas é relegada, então, a sub-existência, o limbo dos despossuídos e despossuidores, na margem da sociedade. A falta de direitos básicos nos relega a subempregos e nos coloca em condições ainda maiores de exploração.** A nós resta a histeria, a loucura, a invisibilidade. O único modo de nos afirmarmos é enquanto outsiders, é afirmarmos nossa existência fora da norma e nossa consequente resistência.

"É desonesto, reducionista e politicamente interessante tentar nos encaixar no conceito de diversidade"

O movimento LGBT assimilou essas duas vivências e cooptou mulheres lésbicas sob o argumento de que sofreríamos igualmente as consequências do que chamaram heteronormatividade; ignorando qualquer recorte de sexo e estruturas de poder, opressão, exploração e interesse que mantêm o sistema. É papel do movimento feminista fazer a diferenciação, **pois não há nada que assemelhe mulheres lésbicas a homens gays, eles não compõem uma categoria pois não existem da mesma forma, não são oprimidos da mesma forma e não têm o mesmo papel na sociedade** — e mulheres lésbicas são um reduto de resistência. A sexualidade lésbica é o que há de mais subversivo — e, portanto, asqueroso — dentro de uma sociedade patriarcal, e é desonesto, reducionista e politicamente interessante quando tentam nos encaixar no conceito de diversidade.

Assim, em vez de se preocupar com mulheres lésbicas que seguem enxergando a heterossexualidade como única saída, que estão presas ao regime compulsório no qual foram criadas, o movimento feminista se deixa cooptar e passa a gritar por uma liberdade sexual que de livre não tem nada, num discurso raso que não abrange nem um décimo do que é a vivência lésbica e a importância em negar nossos corpos ao acesso masculino. O feminismo precisa ser lesbocentrado porque a revolução será lesbocentrada ou não será. Isso não quer dizer que toda mulher é ou será lésbica ou que as pautas de mulheres heterossexuais e bissexuais são menos importantes, mas sim que devemos nos reavaliar, colocar nossa sexualidade em questionamento, e tentar ao máximo nos livrar da ideia de que é absurdo ou anormal viver sem homens — **porque só entendendo nossos corpos enquanto autônomos poderemos estender esse racio-**

cínio para nossa existência e por consequência nossas atividades, nossa força de trabalho, nossa inteligência e capacidade. Isso não quer dizer, também, que não exista heterossexualidade como sexualidade, apesar de também a sexualidade ser socialmente construída — quer dizer que a existência da heterossexualidade não anula o caráter político que ela tem e o que ela representa em via de regra. E, por último, isso não é sobre endeusar mulheres lésbicas ou romantizar lesbianidade. **É sobre entender a importância de mulheres amarem e priorizarem apenas mulheres dentro de uma sociedade patriarcal.**

É de suma importância, então, que o movimento feminista fale de lesbofobia, e não de homofobia, e que entenda suas diferenças; que dê importância à produção política lesbiana. É importante que o feminismo não caia nas relativizações e distorções típicas do movimento LGBT, no conceito de *monossexualidade* enquanto grupo e como potencializadora de poder, privilégio e opressão, na crença de que lesbianidade é um rótulo a ser abolido como todos os outros, na crítica pós-moderna à saída do armário lésbica porque se assumir lésbica seria conservador, e na misoginia clara que é a abominação de mulheres que restringem sua atividade sexual a pessoas com vaginas, tachadas de *transfóbicas*. **Enquanto o movimento feminista reproduzir esses conceitos falhos, ele não será acolhedor a lésbicas e suas especificidades; enquanto não pautar a experiência heterossexual de uma lésbica (antes ou depois de se assumir lésbica) como estupro, e culpabilizá-la ou duvidar de sua lesbianidade (inclusive invisibilizando a existência de lésbicas mães), enquanto não entender a violência que a presença de homens pode ser para nós, enquanto não pautar estupro corretivo, ele estará invisibilizando as fanchas, estará sendo lesbofóbico e reproduzindo mais do mesmo travestido de discurso revolucionário. O feminismo precisa exaltar, respeitar e honrar a lesbianidade.**

Digo isso como apelo. Pois enquanto o feminismo for *heterocentrado* e se juntar ao coro daqueles que gritam, aos quatro ventos, que lésbicas não existem, ele não será para mim, nem para nenhuma de nós. E sem sapatão não há revolução. Continuaremos nas garras do patriarcado.

FEMINISMO QUE NÃO DESAFIA A SUPREMACIA MASCULINA NÃO É FEMINISMO

Por: Caitlin Roper (para o Huffington Post UK)
Tradução: Mariana Amaral

Era uma vez um movimento social chamado feminismo. Era um movimento criado por e para as mulheres. Esse movimento tinha objetivos claros — como libertar as mulheres da opressão masculina. Ele significava algo.

Hoje em dia, com a popularidade da terceira onda do feminismo liberal, "feminismo" pode significar o que você quiser. Qualquer um pode ser feminista, inclusive homens, e qualquer ato pode ser um "ato feminista" — mesmo aqueles que mantêm instituições e estruturas que oprimem e massacram mulheres como um todo — contanto que você "escolha", está tudo bem.

Enquanto feministas nas décadas anteriores lutaram contra a objetificação dos corpos femininos, acreditando que essas práticas contribuíam para nosso *status* de segunda classe, esse mesmo tratamento sexualizante foi repaginado como empoderamento feminino ou como liberdade sexual das mulheres (o que é bem difícil de distinguir das fantasias sexuais influenciadas pelo pornô de homens heterossexuais… vá saber o porquê…). Empoderamento, ao que parece, significa mulheres sendo reduzidas a *status* de objeto, mas agora em seus próprios termos.

Mulheres são igualmente encorajadas a "libertarem seus mamilos" em nome de um feminismo pró-sexo, porque mostrar os peitos para os garotos é percebido como um ato revolucionário que subverte o *status quo,* quando, na verdade, mantém a atenção em nossos corpos e em sua aparência em vez de naquilo que temos a dizer — e os homens se importam mesmo com os motivos de nós tirarmos as nossas blusas ou eles querem apenas que tiremos de qualquer jeito?

Enquanto muitas feministas liberais reconhecem que a pornografia *mainstream* é irreal e falha em representar uma sexualidade saudável ou o prazer feminino, elas argumentam que a resposta a esse problema é um pornô de melhor qualidade — o assim chamado "pornô feminista". No entanto, o padrão que define um "pornô feminista" é baixo, com o conteúdo frequentemente refletindo a mesma dinâmica de poder sexista e às vezes até a mesma violência contra mulheres. Conteúdos pornográficos que apresentam mulheres sendo subjugadas a atos sexuais degradantes, como por exemplo o enforcamento, podem ser categorizados como feministas caso sejam produzidos por mulheres ou incluam tipos de corpos diversos. Boa forma de se destruir o patriarcado…

Até a mercantilização de mulheres e garotas na indústria mundial do sexo pode ser considerada feminista hoje em dia. Os que lucram com o mercado do sexo e os lobistas fazem um grande esforço para ressignificar a compra de corpos femininos por homens não como uma atitude de exploração e abuso, mas como um exercício da liberdade de escolha e da autonomia das mulheres, apesar de as vítimas contarem uma história diferente. Muitas entram no negócio ainda crianças, vulneráveis e sem outras alternativas de sobrevivência e passam a viver uma rotina de violência que provoca, de acordo com pesquisas, níveis de trauma comparáveis a de veteranos de guerra.

Como as criadoras de um movimento que pretende acabar com a opressão vivenciada por mulheres podem apoiar uma indústria que exige que mulheres pobres e sem recursos, incluindo indígenas, negras, estejam disponíveis sexualmente para homens? No feminismo atual, "estupro pago", como as sobreviventes chamam, passou a se chamar "profissional do sexo", e esperam que mulheres abracem sua própria objetificação, encontrem empoderamento em serem mercantilizadas e se submetam alegremente à sua própria subordinação. Pergunte a si mesma, quem se beneficia dessa situação?

Em vez de questionar o direito concedido aos homens de acessar livremente os corpos femininos, encorajá-los a considerar sua participação no sistema patriarcal ou apenas refletir

sobre os privilégios e benefícios que eles aproveitam enquanto homens no topo da hierarquia de gênero, essa versão açucarada de feminismo não desafia nada. Ela não exige nada dos homens. Na verdade, ela deixou os homens tão confortáveis que alguns se sentem no direito de ensinar mulheres sobre feminismo quando elas não concordam com uma forma de feminismo* que privilegia o orgasmo masculino sobre os direitos básicos das mulheres.

Mulheres que falam sobre a natureza exploratória da indústria do sexo encontram frequentemente oposição dos homens, particularmente daqueles que consomem sexo e têm um vasto interesse em manter mulheres e garotas disponíveis sexualmente. Esses homens ficam subitamente tão preocupados com o feminismo, preocupados em defender os direitos das mulheres de escolher a prostituição (são tão heroicos). Como nós ousamos tentar tirar o direito de "escolha" das mulheres de servi-los sexualmente? Se você não consegue ver o absurdo da situação, imagine a mesma discussão sendo feita sobre um dono de escravos lutando pelo direito de seus escravos escolherem pela escravidão.

Está na hora de virarmos radicais. Está na hora de olharmos a obra de Catherine MacKinnon e seu conceito de "feminismo não-modificado". O movimento de libertação das mulheres é o único lugar que é nosso, o lugar em que podemos centrar os interesses das mulheres, e devemos ser corajosas e não nos deixar abalar quando desafiamos o direito masculino de acesso aos corpos femininos. Se os homens estão gostando do nosso feminismo, e se ele está causando ereções por aí, então tem algo errado. Como disse Andrea Dworkin, "Eu sou uma feminista radical. Não do tipo legal".

* Não é feminismo.

O QUE SUA MÃE TEM A VER COM O FEMINISMO?

SE A SUA LUTA NÃO AFETA A VIDA DELA, MELHOR REPENSAR O QUE ESTÁ FAZENDO

Por: Aline Rossi (http://medium.com/feminismo-com-classe)

Pode ser que sua mãe seja bem religiosa, como a minha, reproduzindo os piores jargões conservadores de pessoas que não pensariam duas vezes antes de tirar todos os nossos direitos. Pode ser que sua mãe seja uma mulher mais "moderna": divorciada, microempreendedora e que sustenta a casa sozinha. E ainda assim não fala um pio sobre feminismo.

Então, o que sua mãe tem a ver com o seu feminismo?

Há uns bons anos atrás, ainda em Cuiabá (MT), minha cidade natal, eu me arrumava ansiosa para me juntar à Marcha das Vadias — a única marcha "feminista" que acontecia naquela cidade. Minha mãe estava em casa, como sempre, tratando do almoço e já se preparando para lavar a louça, passando a vassoura, limpando as mãos no pano de prato com versículo bíblico…

Minha mãe sabia que eu ia à Marcha das Vadias. E ela não se importava nem um pouco. Eu ir pra rua dizer que sou vadia, como se fosse um prêmio, fazia um total de **zero** diferença na vida dela. Imagina que louco seria se minha mãe resolvesse virar para meu pai e dizer que ela sim era "vadia"? Santa revolução, Batman!

Eu percebi que o feminismo das "vadias", da "revolução sexual", do grito "se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser" não era um feminismo que libertava.

Esse era um feminismo que servia para jovens universitárias querendo viver uma sexualidade menos reprimida, mas que não chegava a qualquer mulher em situação vulnerável de pobreza ou às mães—nossas, delas ou àquelas da mesma idade que tínhamos, que já eram mães e nem sequer tinham conseguido chegar à faculdade por este motivo.

Enquanto na faculdade o feminismo discutia várias formas abstratas de construir ou desconstruir uma suposta identidade de gênero, com termos complexos e parágrafos enormes de textos que nem eu entendia direito — que dirá minha mãe —, minha mãe estava em casa trabalhando, cozinhando, limpando 24 horas por dia, sozinha. Limpando a sujeira de todos. Pensando se ia ter dinheiro para fazer a compra do mês, já que não teria aposentadoria, em como conseguiria pagar a luz. Pensando em como limpar o dia inteiro lhe causava varizes e dores nas pernas… Era isso que preocupava minha mãe, na época com 50 anos. Mas era isso também que preocupava minha vizinha da rua de baixo, que tinha apenas 16 anos, e já mãe de 3 filhos.

Por que elas se juntariam a esse feminismo que não dialoga com suas vidas e nem faz sentido na sua rotina? Que não fala de suas questões e não resolve seus problemas? Elas não tinham tempo para sentar na cadeira de uma faculdade e pensar: "poxa, vou desconstruir minha identidade de gênero".

Essa rotina opressiva nunca foi uma questão de "identidade" para minha mãe, nem para a sua, nem para minha vizinha que parou de jogar bola com a gente e roubar manga na vizinhança para ficar presa à maternidade compulsória e ao trabalho doméstico no auge da sua adolescência.

Imagina falar para minha mãe "dar para quem quiser" e "ser vadia" quando nem ela, nos idos dos anos 70, nem minha vizinha, em pleno 2010, tinham acesso a controle reprodutivo, aborto, parto com respeito, creche pública… Piada!

Eu percebi que "dar para quem quiser" era a revolução sexual dos homens, que teriam acesso livre à sexualidade das mulheres. Afinal, sem controle reprodutivo e sem aborto, nós não controlamos realmente nossos corpos e portanto não há nenhuma "revolução sexual". E sem aborto e sem educação sexual, ser "vadia" só serve para consolidar a imagem de mulher fomentada pela indústria pornográfica — que, aliás, mata antes dos 40 anos as mulheres que nela "trabalham". Mulheres que são tachadas de "vadia", nada voluntariamente, para o resto de suas vidas e além de suas mortes.

Por outro lado, não vou ser injusta com as mulheres que

estavam na Marcha: sei que aborto também era uma pauta. O que a história do movimento feminista nos mostra, na verdade, é que essas ideias de liberdade sexual e aborto — sempre em conjunto — sempre foram até bem aceitas, mesmo entre homens. Porque isso garante que homens tenham acesso a nós sem ter de lidar com qualquer "problema" que o sexo heterossexual possa acarretar.

Aí pode ser que você me pergunte: se é assim, por que ainda é proibido? Por que o aborto não é liberado irrestritamente?

Porque o aborto proibido não é uma forma de controlar a sexualidade da mulher, mas sim de regular a produção da força de trabalho.

É isso aí. **Nós somos as parideiras da força de trabalho do Capital.**

Você diz vadia, eu digo trabalho reprodutivo

Quando acontece um envelhecimento em larga escala da população e as mulheres param de ter filhos, o Estado e o Capital se preocupam e começam suas políticas de incentivo à imigração, afinal… quem vai manter o trabalho? Nós, humanos, os trabalhadores, nos desgastamos no trabalho diário, e nossa força de trabalho só pode ser "renovada" ou "substituída" parindo-se outro ser humano. E quem é que tem capacidade para fazer isso? Meu pai que não é.

Soa conspiracionista? Pergunte às mulheres do movimento negro o que é a tão celebrada miscigenação do Brasil, esse povo "todo misturado", senão o resultado do estupro sistemático das mulheres negras pelos seus Senhores para aumentar seu número de escravos. Mais força de trabalho.

Como dito acima, o aborto proibido não é um controle da sexualidade da mulher, mas sim é a regulação da produção de força de trabalho. Não fosse o caso, o Estado não assumiria um papel regulatório da natalidade quando julgasse necessário. Não teríamos assistido movimentos em diversos países, como no Japão, EUA, Peru, Índia, entre outros, de esterilização forçada das mulheres. Não teríamos os países europeus adotando fortes políticas de incentivo ao aumento do número de filhos por casal por conta dos baixos índices de natalidade. Não teríamos, igualmente, propagandas de incentivo à imigração em

países em crise de natalidade e envelhecimento alargado da população, estimulando principalmente a vinda de mão de obra qualificada. Por que eles se importariam em intervir?

Se você é de esquerda ou anda ao menos por círculos marxistas, já terá ouvido como os direitos das mulheres estiveram mais avançados que nunca após a Revolução Russa, que durou 6 anos. Não tão curiosamente, tão logo Stalin assumiu, revogou-se o direito das mulheres ao aborto e dificultou-se grandemente o acesso ao divórcio. Um país que se reestruturava, após tantos anos de guerra e fome, obviamente começou a tomar as primeiras providências ao perceber o *déficit* de mão de obra/força de trabalho.

Então, quando as nossas avós, a minha e a sua mãe, e ainda as mulheres da nossa geração que estão presas no ciclo da pobreza, parindo um filho após o outro, são atadas ao trabalho doméstico em casa, lavando, passando e cuidando de crianças, uma após a outra, tendo de abdicar da própria vida (porque se já é difícil ter vida social ativa com um filho, imagina com vários e inclua aqui a deficiência de vagas em creches públicas, a falta de espaços públicos para lazer que sejam apropriados para crianças e mães, o julgamento que as mães enfrentam nas ruas ao amamentar e a dificuldade de se locomover com crianças no encalço), elas estão, basicamente, **existindo como a linha de produção de força de trabalho para a sociedade e o Capital.**

E esse tal trabalho doméstico?

Eu entendo, para muita gente – principalmente quem é jovem e/ou não tem família sob sua responsabilidade — pode parecer absurdo falar de **"trabalho reprodutivo"** e **"trabalho doméstico não-remunerado"**. Primeiro porque assumem prontamente que parir é algo perfeitamente natural e não tem nada a ver com economia ou política da sociedade. Depois, porque acharão que as "obrigações de casa", *a.k.a.* trabalho doméstico, são responsabilidades de cada um e o Estado ou o Capital não tem nada a ver com isso. Certo?

Errou! Errou feio, errou rude!

Em relação ao trabalho doméstico, para perceber porque isso é um caso tão sério para as mulheres — coisa que sua mãe

e a minha já sabem —, é preciso fazer uma comparação de como a nossa economia opera hoje e como era antes. Como girava nossa economia e modo de produção antes do Capitalismo e do industrialismo? Vou tentar ser bem sucinta, mas será teoria crua e dura, *ok*?

Antes, girávamos em torno do sistema de trocas de mercadoria. Como era na base da troca, só sabíamos **quanto valia** qualquer mercadoria **em referência a outra mercadoria** pela qual seria trocada (daí a ideia de valor, que é valer). A mercadoria teria então o **valor de uso** ou para que ela serve (por exemplo, se a mercadoria fosse pão ou cereais, cujo valor de uso é servir de alimento) e o **valor de troca**, que não depende de **pra que** serve, mas sim de **quanto vale** em relação ao que se quer trocar (quantos pães valem um saco de cereais?). E, nesse quesito, as mercadorias só poderiam ser quantificadas por um critério que tinham em comum: a quantidade de tempo e esforço (trabalho humano/força de trabalho) investido na criação dessa mercadoria.

É, é uma coisa abstrata. Mas a utilidade da mercadoria que se pretende trocar/adquirir é algo bem concreto, então nesse nível se estabelece a troca. E por que eu estou falando disso?

Porque com a industrialização e o Capitalismo, esse sistema muda. Nós paramos de produzir nossa mercadoria para troca e passamos a vender nosso tempo e esforço (força de trabalho) para o capitalista (o dono da fábrica, por exemplo) para gerar mercadorias para ele. Ele nos paga por um X tempo de trabalho, mas não participamos em nada do valor da mercadoria produzida. Se você usa apenas 4h das 8h de trabalho para produzir uma mercadoria, as outras 4h já são horas a mais da qual o capitalista se apropria do seu trabalho (excedente) e a mercadoria é o lucro do seu trabalho que fica com ele, não contigo (mais-valia).

"O que o operário produz para si não é a seda que tece, não é o ouro que extrai das minas, não é o palácio que constrói. O que ele produz para si é o salário; e a seda, o ouro, o palácio, reduzem-se para ele a uma certa quantidade de meios de subsistência, talvez a uma camisola de algodão, a uns cobres, a um barraco na favela." (MARX, Karl. Trabalho assalariado e capital, 4.ª ed.. São Paulo: Global, 1987, p. 22)

Agora, vamos ligar isso ao trabalho doméstico pra amarrar a questão.

O problema aqui é que se o capitalista paga a força de trabalho, colocando em preto no branco, paga para utilizar um ser humano por X horas como quem aluga um carro ou cavalo para utilizar um dia todo. Então ele tem que garantir que essa força de trabalho esteja apta a ser reutilizada no dia seguinte. A exploração tem um limite claro: se a pessoa não está bem, não tem tempo de recobrar suas energias e descansar, sua produção vai cair absurdamente e prejudicará o lucro. E, como falamos anteriormente, essa força de trabalho não pode ser substituída facilmente: ela só pode ser renovada parindo-se outro ser humano (que precisa ser criado, precisa crescer e exige cuidados até estar apto a produzir). **A linha de produção (alô, mulheres!) de força de trabalho é geracional!**

Mas é claro que o Capitalista não vai pagar massagem, hotel 5 estrelas e *spa* pro trabalhador descansar e renovar suas forças. Isso acabaria com o lucro da exploração. E para que ele se daria a esse trabalho se tem **mulheres**, metade da humanidade ali, à disposição, trabalhando de graça para manter a casa limpinha, as roupas do trabalhador lavadas, a comida feita e tomar os devidos cuidados, assegurando que ele volte produtivo como se precisa no dia seguinte?

Lembrem-se: as mulheres foram legalmente proibidas de trabalhar de forma assalariada por muito tempo. E isso não é o mesmo que dizer que nunca tenhamos trabalhado. Sempre trabalhamos: como escravas, como cuidadoras, como donas de casa num serviço braçal totalmente invisibilizado que, mesmo sem ser remunerado, permitia gerar riqueza social.

Permitia que o homem trabalhador, marido daquela mulher que estava em casa limpando e assegurando o seu bem-estar (coisa que devia ser responsabilidade do Capitalista que contrata a força de trabalho), se mantivesse produtivo e acumulasse dinheiro em seu próprio nome—já que mulheres até pouco tempo também não podiam receber herança, ter bens em seu nome ou conta bancária.

Até hoje, o casamento (apoiado na heterossexualidade compulsória) serve como instituição que assegura exatamente

isso: o trabalho doméstico não-remunerado das mulheres, a produção de mais força de trabalho e a acumulação de riqueza para os homens (afinal, proibidas de tudo, você não vai ver muitas mulheres donas de meios de produção capitalistas, né, querida?).

Agora percebem a questão? Quando a mulher dá à luz, ela está gerando as novas forças de trabalho do Capital. Quando ela se desdobra no serviço doméstico sozinha, acumulando hoje duplas e triplas jornadas, ela está assegurando o lucro do capitalista e o bem-estar do homem às suas próprias custas, ao custo do seu próprio desgaste. Sem nenhuma remuneração ou compensação. **E isto tem um nome: exploração.**

Então, o que fazer?

Se eu dissesse tudo isso que escrevi acima para a minha mãe (ou para a sua, talvez), ela provavelmente me mandaria "chupar prego". Minha mãe não quer saber de teoria feminista, possivelmente nem a sua. Elas estão aterradas lidando com a própria opressão diária no Patriarcado e Capitalismo.

Contudo, como a Catherine McKinnon escreveu magistralmente, o feminismo não nasce da teoria. **A teoria feminista nasce da prática**. Muito antes de teorizarmos sobre nossas opressões — gênero, aborto, maternidade, estupro, escravatura —, nós já conhecíamos a opressão na realidade, na materialidade, na nossa vivência diária.

Minha mãe não conhece a teoria, mas conhece muito bem a realidade de estar presa à maternidade compulsória sem ter creche pública à disposição, sem ter licença maternidade, voltando ao trabalho um dia depois do parto, fazer tripla jornada com os serviços domésticos, receber menos por ser mulher e ter de amamentar quando podia. Ter de deixar as filhas passando fome, apesar de ter como alimentá-las, apesar de ela própria produzir o alimento em seu corpo, porque tinha de fazer jornadas exaustivas como se não tivesse filhos. Como se não houvesse diferenças entre ela e um homem na hora de produzir, só na hora de receber o salário.

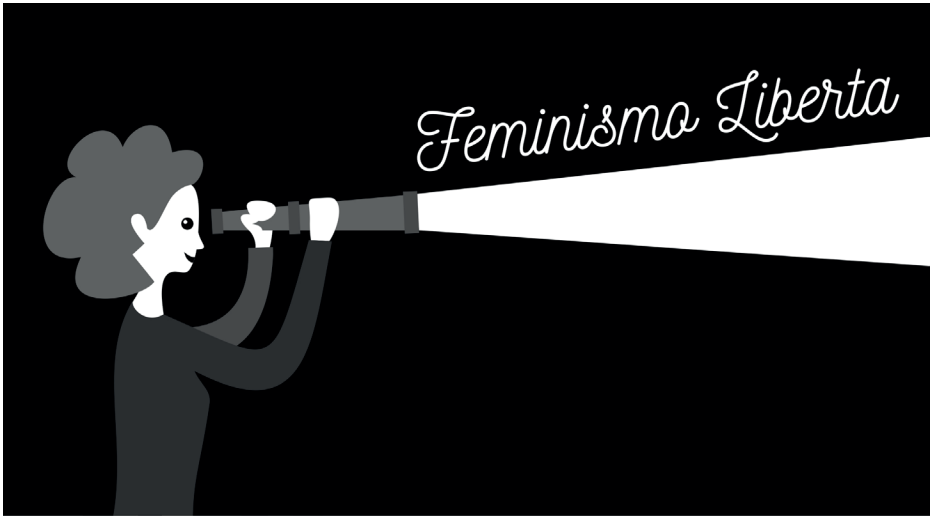
O direito à creche pública, licença maternidade, intervalos de amamentação, controle reprodutivo, jornada reduzida, salários iguais… tudo isso ela saberá te dizer como a sentença mais lógica. Ela sabe que trabalho doméstico

é servidão. Como juntar 1+1. Só não dirá isso com palavras acadêmicas e referências bibliográficas.

Enquanto o feminismo da academia falar em "identidades de gênero", "desconstruir gêneros", "espectro de gênero", "trabalho sexual", continuará sendo o **feminismo da elite privilegiada**. A elite que tem tempo de parar o que está fazendo na vida, sem pressa, para criar teorias abstratas sobre realidades violentas de quem não tem esse tempo sobrando para esperar o congresso nacional de estudantes debater.

Se o seu feminismo abstrai sobre as maiores violências que as mulheres sofrem apenas por terem nascido com vagina e capacidade reprodutiva e, por isso mesmo, terem sido impositivamente classificadas como "mulheres" para serem subjugadas — prostituição, trabalho doméstico não-remunerado, controle sobre os direitos reprodutivos (aborto, contraceptivos, planejamento), direito à creche para não estar presa à criação de filhos sucessivos–, se o seu feminismo está aí dizendo pras mulheres resolverem o problema **assinando embaixo dos termos que o Patriarcado concedeu para estratificá-las**, se o seu feminismo está dizendo às mulheres que **essa realidade é uma identidade com a qual elas se conformam**… está na hora de voltar a aprender com a sua e a minha mãe, voltar às raízes e abandonar o academicismo liberal que te afasta da prática.

Seu feminismo não chega na sua mãe. Pense seriamente nisso.



ESTE ZINE É O RESULTADO DO
TRABALHO DE VÁRIAS MULHERES.

QUALQUER PESSOA ESTÁ
APTA A VENDÊ-LO PARA
CUSTEAR SUA PRODUÇÃO.
ESTE ZINE NÃO POSSUI FINS COMERCIAIS.

CADA MATERIAL PRESENTE NESTE ZINE
PERTENCE À SUA RESPECTIVA AUTORA.

É PROIBIDO MODIFICAR ESTE
MATERIAL SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.
NÃO RETIRE OS CRÉDITOS.

É LIVRE A REDISTRIUIÇÃO DESTE MATERIAL.

2018 © CACHALOTE PUBLICAÇÕES

Cachalote
PUBLICAÇÕES